

Correia Garção

**Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia**

ed. José Camões

Dissertação segunda sobre o mesmo carácter da tragédia e utilidades resultantes da sua perfeita composição.

Recitada na conferência da Arcádia Lusitana no dia 30 de Setembro de 1757.

Et quocumque valent animum anditoris agunto



**Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**  
Sala 67, Alameda da Universidade 1600-214 Lisboa • tel/fax: 21 792 00 86  
e-mail: estudos.teatro@mail.fl.ul.pt

Correia Garção

## Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia

ed. José Camões

Nobilíssimos, sapientíssimos e amantíssimos senhores:

Como estou seriamente persuadido de que vós não só sofreis, mas em certo modo aprovais o meu trabalho com o projecto, certamente, de promovê-lo e de adiantar-me, assim, em matérias de literatura, torno a falar na vossa presença, torno a mostrar quanto necessito das vossas lições;<sup>1</sup> torno a implorar a vossa indulgência. E já que no congresso passado tracei a regra que serve de limite à força com que a tragédia move nos nossos ânimos o terror e compaixão, sem largar de mão o prumo, procurarei sondar este maravilhoso pélagos, mostrando quanto é necessário que a tragédia mova as paixões para conseguir o fim a que se dirige, qual é este fim e se ele de sua natureza é capaz de concorrer para a boa polícia de uma república.

Horácio, conhecendo profundamente a razão, a força e os admiráveis efeitos deste activo filtro da poesia, propõe na sua *Poética* a regra não só para a tragédia, mas para todos os poemas, advertindo-nos que não basta que eles sejam adornados de belezas, mas que é preciso também que o poeta mova nos corações dos ouvintes as paixões que lhe parecer, ou que exigir a natureza da sua composição. Este mesmo grande crítico, escrevendo a Augusto, lhe dizia: “Que para ele só era bom poeta o que possuindo bem a difícil arte de mover as paixões lhe comovia o coração com poéticos fingimentos, ora irritando-o, ora aplacando-o, e, finalmente, enchendo-lhe o peito de terror e de espanto, bem como um mágico, que o transportasse uma vez a Tebas, outra a Atenas”.

Para conhecermos nós quanto esta regra não só é relativa à tragédia, mas que incontestavelmente quadra com a sua natureza e é como alma de todas as suas forças, será preciso trazermos à memória a definição deste poema:<sup>2</sup> “A tragédia é pois a imitação de uma acção grave, inteira, e que tem uma justa grandeza, cujo estilo é agradavelmente temperado, mas diferentemente em todas as suas partes e que sem o socorro da narração pelo meio do terror e da compaixão acaba de purgar em nós este género de paixões e todas as outras semelhantes.”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> *Ic per extantum funem mihi posse videtur  
Ic poeta, meum qui poetus inaniter angit  
Imitat, mulcet falsis terroribus implet,  
Magnus ut V modo me Thebis, modo punit Athenis,*

<sup>2</sup> Aristóteles, *Poética*, Cap.VI, pag. mihi 72.

<sup>3</sup> Boileau. *Poética*.Canto III.

Correia Garção

## Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia

ed. José Camões

É preciso que a tragédia mova as paixões, e nisto se conforma com os mais poemas. Deve especialmente mover<sup>4</sup> o terror e a compaixão, aqui se afasta deles, e deve purgar-nos destas, e de outras paixões semelhantes, assim os excede, assim fica útil, assim é maravilhosa.

Quanto é preciso para mover as paixões, é escusado que o examine, pois julgo que qualquer de vós trará continuamente nas mãos as melhores *Poéticas*, as *Retóricas* de Aristóteles, de Longino, de Demétrio Falério, de Cícero e Quintiliano, além dos modernos, que excelentemente têm tratado esta matéria. Agora bastará que vejamos qual é o melhor caminho de mover a terror e a compaixão.

É certo que estas duas paixões nascem<sup>5</sup> da surpresa. E isto é a admiração que nos causa um sucesso inesperado, que, quando menos o cuidamos, então nos assusta e nos arrebatá. Esta é a qualidade de tudo quanto é sublime e admirável, pois no que assim vemos suceder achamos sempre um carácter maior<sup>6</sup> do que nas revoluções que vêm quando nós as esperamos. Se um homem nunca tivesse visto a luz do dia, que espanto lhe não causaria ver sair do horizonte um globo luminoso que, estendendo os seus raios pela superfície da terra, cobria tudo de cores e de claridade? Mas, para que a surpresa cause este bom efeito na tragédia, é preciso<sup>7</sup> que as cousas nasçam umas das outras contra a nossa esperança. Não basta que os incidentes sejam<sup>8</sup> puramente furtivos, mas é preciso que o poeta com boa economia disponha de tal forma a sua fábula que os episódios ou os incidentes, nascendo uns dos outros, conduzam a pessoa fatal do drama ao reconhecimento, que deste reconhecimento nasça a peripécia, que a peripécia mostre a protogneste em uma catástrofe desditosa, contra o que prometiam as circunstâncias e ideava a esperança dos espectadores. Então é infalível a compaixão e também é natural o terror; então me compadeço, então me assusto, então me transporto fora de mim mesmo.

Aqui vemos que o maior segredo deste método de mover as paixões consiste na surpresa que nos causa um sucesso tirado de incidentes nascidos uns dos outros e que nos permitiam o contrário. E porque esta circunstância falta nos casos puramente furtivos, por isso a surpresa, que procede deles, não chega a mover em nós estas paixões com a actividade que pede a natureza da tragédia, falta-lhe a qualidade de

---

<sup>4</sup> Le Bossu, *Traité du Poème Épique*, Cap. IX

<sup>5</sup> Aristóteles, *Poética*, Cap. IX.

<sup>6</sup> Aristóteles, *Poética*, Cap. IX.

<sup>7</sup> Ibi.

<sup>8</sup> Dacier, Nota. 26.

Correia Garção

## Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia

ed. José Camões

maravilhosos. Com efeito, nada tem disso um naufrágio, a caída de uma casa e outros desastres semelhantes. É verdade que então nos compadecemos,<sup>9</sup> mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquela a que simplesmente nos obriga a humanidade. Mas nos incidentes que nascem uns dos outros a ideia do espectador, movida e cheia do objecto, vê juntamente a causa e fim daquele horroroso successo. E desta duplicada vista segue infalivelmente a surpresa e as paixões, e por isso há tanto de maravilhoso na Sagrada Escritura, onde são tão frequentes os successos extraordinários produzidos sempre de incidentes que nascem uns dos outros contra a expectação dos leitores.

Para o poeta conseguir o efeito que se propôs pelo meio do movimento das paixões, deve ter diante dos olhos<sup>10</sup> duas cousas: uma é o meio de as fazer receber dos seus ouvintes, ou leitores, e outra é fazer-lhas efectivamente sentir. Em quanto à primeira, é preciso que disponha os ânimos para lhes embutir as paixões; em quanto à segunda, deve não misturar paixões incompatíveis.<sup>11</sup> Com efeito, para transportarmos uma cousa é preciso primeiro tirá-la de onde estava para a levarmos para onde a queremos pôr. Assim, devemos com tal progresso conduzir os incidentes da tragédia que pouco a pouco vão crescendo os embaraços e quando o espectador está já como abalado, esperando algum grande successo, então é que o poeta se deve aproveitar desse instante para soltar os diques do terror e da compaixão.

Por estar fora desta regra, critica<sup>12</sup> o padre Le Bossu o *Ájax* dos metamorfóseos, pois Ouvídio, fazendo comparecer este capitão na presença de uns juízes que estavam em perfeita tranquillidade, principia o requerimento pelas figuras as mais violentas e as mais patéticas. O que, em lugar de inclinar os ânimos ao partido que pertendia *Ájax*, o dá a conhecer por um homem colérico, desarrazoado e que está fora de si mesmo, carácter certamente mais próprio para ser aborrecido do que para persuadir.

Ainda que esta doutrina seja mais própria para a epopeia e outros poemas no que toca à primeira parte, contudo eu me lembrei dela, para que advertíssemos que ainda que a surpresa é a origem do maravilhoso e que é da natureza da tragédia, não devemos, contudo, dispor uma contextura de incidentes falsíssimos e, de repente,

<sup>9</sup> Dacier, Nota. 27 à *Poética* de Aristóteles. Cap. IX.

<sup>10</sup> Le Bossu *Traité du Poème Épique*, Cap.IX, pag. 261.

<sup>11</sup> Idem, ibi.

<sup>12</sup> Le Bossu, já citado.

Correia Garção

## Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia

ed. José Camões

sem quê nem para quê, amontoarmos incidentes lastimosos e funestos,<sup>13</sup> mas que devemos tirá-los uns dos outros com tal graduação, que insensivelmente se vão dispondo os ânimos dos ouvintes para receber aquilo mesmo que não aceitaram, se dependesse do seu arbítrio a sorte do protognista.

Em quanto à segunda parte, todos sabem que o amor e o ódio não podem estar juntos e que, assim mesmo, seria impossível que a reinarem em uma dama diversas e incompatíveis paixões, além de cairmos na polimitia, ou perdermos a unidade da acção, seria dificultoso que uma paixão repugnasse ao efeito da outra e que, por este modo, se nos não fizesse impraticável o mover os ânimos.

Alguns espíritos fracos, não sendo senhores de uma fértil imaginação, têm caído em outro defeito mais ridículo e mais estranho, quero dizer, procuram mover o terror e a compaixão pelo meio das tramóias e decorações, ou de incidentes monstruosos. Por isso diz Aristóteles que nascer o terror e a compaixão da contextura dos incidentes é o melhor, e que a isto é que se chama *Golpe de Mestre*.<sup>14</sup> Ésquilo caiu naquele defeito nas suas *Euménides*, não excitando o terror e a compaixão mais do que com o espectáculo. Todos sabem a história do seu terrível Coro das Fúrias e os nocivos efeitos que produziu no seu auditório. É notável o paralelo que faz Dacier deste drama com o Oedipo de Sófocles: *Quando nós (diz ele) lemos hoje as Eumédias de Ésquilo, não nos sentimos muito penetrados, porque o que havia de terrível neste drama nascia da decoração; mas quando lemos o Oedipo não podemos deixar de tremer e de sentir os mesmos movimentos de terror e de compaixão que sentiam aqueles que a viam representar no teatro.*

Desprezando estas reflexões e estas sólidas doutrinas, tinha o mau gosto adoptado o peor sistema: dragões, mágicos, navios, incêndios, batalhas, naufrágios, cárceres, patíbulos, demónios e espectros eram os milagres do teatro. Há bem pouco que uma corte polida fazia as suas delícias de semelhantes espectáculos. E Metastásio, não obstante alguns destes defeitos, teria, se quisesse, uma estátua no Capitólio. É para sentir que um homem como este, excelente poeta, tenha inumeráveis vezes infringido as mais irrefragáveis leis da tragédia. Outro defeito há, que não é menos ímpio: com efeito, não só não move, mas é ridículo. Deste género são as transformações, as serpentes e outras puerilidades semelhantes, de que deve abster-se um bom poeta e de que não pode gostar um discreto espectador.

<sup>13</sup> Boileau, *Poética*, canto III.

<sup>14</sup> Aristóteles, *Poética*, Cap XIV, pag. mihi 211.

Correia Garção

## Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia

ed. José Camões

Também devemos notar que para mover a terror e a compaixão não é conveniente, como entenderão muitos, escolher para assunto das tragédias os martírios, quero dizer, os mártires não devem ser heróis de semelhantes poemas.<sup>15</sup> Aristóteles diz que a pessoa fatal da tragédia não deve ser nem um homem muito mau nem muito bom, porque se virmos padecer um grande infortúnio a um homem muito bom, este espectáculo mais nos moverá à indignação do que a terror e a piedade, e se for um homem muito mau, isto é, um ímpio, um facinoroso, também a sua desgraça não fará em nós esse efeito, pois é certo que o terror e a compaixão são paixões que nascem prontamente das desgraças dos nossos semelhantes. Logo, quem se há de compadecer ou atemorizar de ver em um patíbulo um famoso malfeitor, uma peste da república? O amor próprio é base de todas as paixões e, por isso, o martírio do homem santo, e que nos é superior em virtudes, causa-nos horror, mas nunca compaixão ou piedade, pois o horror as afugenta nestes casos tão fortemente que, ou ficam súbitas, ou desaparecem. Corneille é de opinião contrária, talvez por ter dado ao público os seus *Polyeutes* antes de ter lido Aristóteles apoiado em Menturno, que, na sua *Poética*, decide que a paixão de nosso senhor Jesus Cristo pode ser matéria de tragédia.

Tudo isto é necessário para que a tragédia chegue ao desejado fim a que se dirige, isto para que consiga o purgar em nós o terror e a compaixão e todas as outras semelhantes paixões. Platão, que lhe não atribuiu tão útil eficácia, a banuiu da sua *República*, e muitos pertendem que este efeito não seja mais do que uma quimera, trabalhando por mostrar que a tragédia, em vez de purgar-nos das paixões, as suscita e as promove. Porém, estas acusações, como são fundadas em sofisma, não podem vencer a força da razão e da verdade.

É certo que à primeira vista parece impossível que a tragédia haja de purgar-nos das paixões que ela mesma influe nos nossos corações, mas em reparando em Darcier como se deve entender este termo de *purgar as paixões* conheceremos a razão. Os académicos e os estóicos dizem: *Lançar fora as paixões, desarraigá-las da alma, isto é superior às forças da tragédia, isto não faz ela*. Mas os peripatéticos, persuadidos de que o excesso das paixões é que as faz viciosas e que sendo reguladas são úteis e ainda necessárias, entendem por *purgar as paixões* reduzi-las a uma justa moderação. Eis aqui o fim da tragédia, eis aqui o que ela é capaz de fazer, e não é pouco.

---

<sup>15</sup> Aristóteles, *Poética*, Cap. XIII.

Correia Garção

## Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia

ed. José Camões

A tragédia move em nós o terror e a compaixão, expondo-nos no teatro as desgraças dos nossos semelhantes, desgraças que mereceram por culpas involuntárias. Assim nos familiariza com estes infortúnios, assim nos ensina não temê-los ou tolerá-los com paciência e com constância. O emperador Marco Aurélio é da opinião de Aristóteles; diz<sup>16</sup> “Que as tragédias foram primeiro introduzidas para fazer lembrar aos homens dos acidentes que sucedem na vida; para lhes advertir que devem necessariamente suceder e para lhes ensinar que as mesmas cousas que os divertem na cena lhe não devem parecer insuportáveis no teatro do mundo”.

Não só a tragédia purga, como temos visto, o terror e a compaixão, também modera todas as outras paixões, obriga-nos a que examinemos a causa das desgraças que nos representa e conhecendo nós qual foi a paixão que, por exemplo, precipitou Oedipo em semelhantes desesperações, é impossível que não cuidemos muito em nos abstermos de uma temerária e cega curiosidade, pois uma vez que se leia aquele excelente drama, facilmente se conhece que estas duas paixões, mais do que o incesto e do que o parricídio, foram a causa da desgraça de Oedipo. Desta sorte é que uma fábula trágica, com o disfarce das alegorias, nos imprime na alma as proveitosas máximas da ética, assim nos forma para a sociedade, assim nos dispõe para a virtude, assim nos ensina a obrarmos grandes acções, a ser útil à pátria e à república. Os heróis de Atenas, de Tebas e de Roma talvez que sejam discípulos da tragédia.

E, com efeito, que frutos não colheria uma república se nos teatros se ensinassem as virtudes e as grandes acções? Bem sei que na nossa religião há melhores cadeiras e escolas de ética. Os pregadores evangélicos, incontestavelmente, farão sempre melhor progresso; mas a depravação dos costumes e dos caprichos dos homens obsta não poucas vezes a este santo projecto. Um homem da corte raras vezes vai ouvir os pregadores sem a prevenção de que eles hão de censurar-lhe o seu procedimento, e este pejo com que olham para eles, como para os seus inimigos, ou, ao menos, como para juízes severos, embaraça notavelmente a persuasão. Aos teatros concorre todo o mundo com a ideia de que só vai divertir-se e recriar-se. E se o poeta tem a feliz arte de obrigar a que os espectadores se transportem com o movimento das paixões e neste transporte lhe inspira uma máxima de boa ética, o triunfo é infalível. Assim, para um menino enfermo beber o remédio se lhe costuma banhar com o mel a circunferência do copo. Os bons

---

<sup>16</sup> Marco Aurélio, artigo 6, no *Livro das Reflexões*.

Correia Garção

## Dissertação segunda sobre o carácter da Tragédia

ed. José Camões

generais usam muitas vezes de estratagemas. Não quero dizer nisto que se levantem teatros e que se desamparem os púlpitos. Hajam [sic] umas e outras aulas. Deva-se a todas a boa educação da mocidade, a reforma dos costumes, as máximas da virtude, o aborrecimento dos vícios, o amor da pátria e glória da nação.

Não é meu intento defender as tragédias irregulares e monstruosas, aquelas em que só reina uma paixão criminosa, aquelas que ensinam o adultério, a aleivosia e que atacam vigorosamente a castidade, que pintam os Césares, os Brutos, os Eneias, não como homens, mas como mancebos efeminados e impertinentes amadores. Esta formidável peste que depressa se derrama não só pela corte mas pela cidade; esta tragédia, ainda que tem mais fautores, é certamente a que deve subir a sentença de Platão, a censura dos santos padres e a condenação dos concílios.

Não me atrevo a cansar mais a vossa paciência, com argumentos tão triviais acabareis de conhecer a debilidade do meu discurso, e permita o nosso númen tutelar que não desesperéis do meu adiantamento, que eu, da minha parte, para vos descobrir a sinceridade com que me sacrifico aos trabalhos académicos, vos confesso que para obedecer-vos me tenho feito plagiário, não fazendo nos meus discursos mais do que transcrever aqueles poucos autores que a má fortuna, que me persegue, me não pode arrancar das mãos.